



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

TRANSEXUALIDADE: Desafios e Barreiras no Acesso ao Mercado de Trabalho Formal

MARIA APARECIDA LOPES¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

JOSÉ MIRANDA DE OLIVEIRA JUNIOR²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA/UESB

Resumo

Este trabalho busca analisar e compreender a realidade de pessoas transexuais, evidenciando os obstáculos marcados por barreiras estruturais e sociais, enfrentadas ao ingressar no trabalho formal, vivenciando ainda os diversos tipos de violência, preconceitos, exclusão social, a falta de oportunidades educacionais, desigualdades de classe, raça e gênero. Esses fatores revelam que o primeiro acesso ao emprego formal é um processo desafiador, que exige uma construção de espaços mais inclusivos, justo, solidário e igualitários. Da mesma maneira que, estabelecida na Constituição de 1988, garantindo à todos os cidadãos direitos básicos. tendo em vista que na prática ainda apresenta lacunas que mantêm a população trans e travestis, em situação de invisibilidade e desvalorização. De forma que tenha pouco acesso a oportunidades que vão oferecer bem-estar e uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave: Inclusão. Trabalho formal. Transexualidade.

Introdução

Muito se discute sobre a importância do trabalho formal, sendo ele responsável por prover a sobrevivência, gerando autonomia, qualidade de vida e segurança para os indivíduos. Entretanto, torna-se imprescindível compreender sua relevância quando analisado sob a perspectiva de corpos específicos, especialmente, daqueles que enfrentam diariamente algum tipo de preconceito, violências e exclusões por parte da sociedade. Como discorrido por Júnior (2022), os Transexuais e Travestis ainda são diariamente marcadas pelas comparações e cobranças impostas pelas estruturas social e cultural, de maneira seus corpos fiquem expostos a enfrentarem barreiras significativas, que impactam não apenas sua inserção no mercado de trabalho, mas também sua dignidade e seus direitos fundamentais, que são tão importantes para que tenha uma qualidade de vida razoavelmente boa.

Esse trabalho visa analisar a dinâmica dos/as trabalhadores/as transexuais que trabalham formalmente, com o intuito de entender as dificuldades e obstáculos enfrentados em seus cotidianos, desde a sua contratação até as realizações de tarefas simples. Uma vez que, a dificuldade enfrentada por pessoas transexuais, ao adentrar o mercado de trabalho formal não é apenas uma questão de ocupação de vagas, mas de fatores como preconceito, exclusão social, falta

¹Graduanda em Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Vitória da Conquista. E-mail: mariaaparecida98444@gmail.com.

² Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus de Vitória da Conquista.

E-mail: jose.junior@uesb.edu.br



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

de oportunidades educacionais, desigualdades sociais e a violência estrutural, evidenciando cada vez mais que as barreiras que ainda precisam ser superadas. O primeiro acesso ao emprego formal, se torna uma etapa extremamente desafiadora, pois exige não apenas a superação dos desafios, mas também a criação de espaços inclusivos e igualitários. Além disso, fatores como classe, raça, identidade de gênero e orientação sexual têm um peso maior quando interligadas com outros fatores, que conseqüentemente, aumentam ainda mais as marginalizações.

Segundo Lima (2025), a identidade de Gênero surge a partir de experiências unilateral, transferível e interna, possibilitando aos indivíduos a liberdade de se identificarem de acordo o sexo em que se sintam confortável e/ou pertencentes, sem a necessidade de corresponder ao sexo biológico, ou seja, o sexo designado no nascimento. De acordo com a constituição de 1988, todos os indivíduos devem ter acesso a saúde, educação, bem-estar, trabalho, para que assim consiga obter o mínimo de dignidade social. Na realidade atual, nos deparamos com muitas lacunas que contradizem o que está exposto na lei. Na qual, pessoas LGBTQIAPN+ são constantemente invisibilizadas e desvalorizadas, obtendo pouquíssimos acessos à oportunidade de melhorar de vida, principalmente para pessoas trans e travestis.

O tema “Transexualidade: Desafios e Barreiras no acesso ao Mercado de Trabalho Formal” surgiu a partir de algumas vivências, observações e reflexões constantes sobre o assunto. Por isso, é vital para fazer um paralelo com a situação atual do Brasil, na qual estamos inseridos em um país onde a transexualidade continua sendo amplamente marginalizada, repletade violência e de preconceitos. Tornando assim, cada vez mais evidente a necessidade de aumentar discussões mais extensas e inclusivas sobre o assunto, especialmente, sobre as barreiras enfrentadas na tentativa do primeiro acesso no mercado de trabalho.

O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, o que os mantém com expectativa de vida de 35 anos. Entre 2017 e 2022, 912 pessoas trans e não binárias foram assassinadas no país. Entre 2015 e 2017, foram notificados 24.564 casos de violência contra pessoas LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não-binária e outras experiências não cis-heteronormativas, sendo 11.434 (46,6%) contra travestis e transexuais^{10,11}. Especificamente contra homens trans, dados mostram que 85,9% já sofreram violências transfóbicas, 82,9% violências machistas/misóginas e 64,5% outras formas de LGBTQIAPN+fobias. Além disso, 50,6% já viveram assédio sexual, 22,4% gordofobia, 17,7% racismo, 8,1% xenofobia e 7,3% capacitismo. As violências ocorreram sobretudo em lugares públicos (78,2%), no ambiente doméstico/familiar (63,8%), na escola/universidade (58,4%), no ambiente de trabalho (40,4%), na internet (0,9%) e nas redes sociais (0,3%). (Boffi et al,2024)

Esses dados, evidenciam a realidade em que o Brasil se encontra, sendo caracterizado como um dos países mais violentos contra Transexuais e Travesti. Apesar da existência de leis, das



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

políticas públicas e das regras que tem o intuito de promover a igualdade de direitos, ainda assim, as desigualdades persistem, demonstrando ainda mais que os fatores como classe, raça, gênero e orientação sexual influenciam, de forma, decisiva, as condições de vida das pessoas, reafirmando intensamente que a oportunidade não chega de maneira igualitária para todos.

A problematização que orienta minha pesquisa, devido uma grande inquietação é saber quais são os principais impactos e desafios enfrentados por pessoas transexuais no processo de inserção no mercado de trabalho formal? As classes sociais, as raças e o gênero têm influência nesse processo?

Desenvolvimento

Em uma sociedade marcada por tantas desigualdades estruturais, a população trans, negra e de baixa renda vivem em condições de vulnerabilidade, e em muitos casos não conseguem atingir reconhecimento profissional. Essa realidade tem sido evidenciada cada vez mais nas literaturas, mostrando como a exclusão e a falta de oportunidade, principalmente, quando diz respeito a falta de acesso à educação, que impacta intensamente a vida desse sujeito. Levando-os a trilharem o caminho do trabalho sexual, já que são atividades consideravelmente “aceitos”. Entretanto, é necessário um olhar crítico para a normalização de trans e travesti serem incluídos e aceitos na sua grande maioria em trabalhos sexuais. É importante que essa questão seja pensada de forma ampla. Para que essa realidade não seja mais tão comum.

Embora exista um crescimento significativo no âmbito das discussões sobre diversidade e inclusão, os estudos voltados a inserção de pessoas trans no mercado de trabalho formal, ainda se encontra de maneira escassas, reforçando ainda mais a necessidade de aprofundar as discussões e pesquisas sobre a temática, demonstrando uma maior relevância para debater de forma crítica e interdisciplinar. Tornando abrangente os diversos âmbitos que perpassa as lacunas e obstáculos. As dificuldades estruturais ou sociais presentes ao longo de toda a caminhada de um indivíduo trans ou travesti vem desde a evasão escolar até dificuldade em acessar à saúde, dificultando assim, o acesso ao mercado de trabalho, sendo levados a procurar outros meios de sobreviver.

O trabalho, além de suprir necessidades básicas, é um fator essencial para a identidade e a inclusão social dos indivíduos. No entanto, devido a barreiras estruturais e sociais, muitas dessas pessoas acabam restritas a setores específicos, como a indústria do sexo e da estética, reforçando a marginalização desse grupo. De acordo com o dossiê da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), aproximadamente 90% das travestis e mulheres transexuais no Brasil recorrem à prostituição como meio de subsistência enquanto as demais atuam em ocupações de baixa remuneração, como cabeleireiras, depiladoras e cozinheiras. (MUNIZ,2025)

Assim, fica evidente que a lacuna existente sobre a transexualidade torna a realidade



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

brasileira cada vez mais vulnerável socioeconomicamente e emocionalmente. Gerando sob os efeitos interseccionais todos os tipos de discriminações, seja em consequência do gênero, raça ou classe. Desde modo, este trabalho tem como principal intuito contribuir de maneira profunda e ampla, para que haja avanço nos debates científicos, mostrando ao longo da pesquisa os impactos do preconceito e as dificuldades encontradas; bem como a possibilidade de desenvolver no futuro práticas institucionais inclusiva, soluções rápidas e eficientes e formas de conscientizar a sociedade, utilizados dos meios de acesso a informações ou canais de comunicação.

Considerações Finais

Torna-se emergente a necessidade de compreender a fundo como os desafios e os obstáculos impactam de maneira direta a vida dos(as) transexuais e travesti, analisando todo o processo de inserção no mercado de trabalho, considerando-se que a raça, etnia, classe, gênero e nível de escolaridade, será um fator decisivo no processo de ingressar em um emprego formal. Diante disso, é importante adotar ferramentas para enfrentar os diversos os obstáculos, tendo em vista que as oportunidades não chegam de forma igualitária para todos. Isso, pois, um aspecto ainda pouco explorado pela literatura, mas que merece investigação, é as lacunas existentes sobre os privilégios em determinadas classes, gênero e raça. Como por exemplo, pode-se supor que homem trans ainda terá mais privilégios que mulher trans, como também o transexual branco terá mais privilégios que transexuais negros, afinal, quanto mais privilégios, maiores serão as oportunidades de ingressar em um emprego e até menos frequentarem lugares que seus corpos não seria “aceitos” em circunstâncias distintas

As discriminações sofridas por homens e mulheres não cisgênero, vem dos preconceitos imposto pela sociedade, sobre como deve ser um corpo “padrão perfeito”, colocando esse corpo no topo da pirâmide e impondo que se deve seguir aquele modelo de para que seja aceito pela sociedade. Para além disso, temos a conceituação social e cultural do que é ser “feminino” e “masculino”, desde a infância o que é ensinado é que a mulher deve desenvolver o papel de ser frágil, delicada, cuidadosa, etc. Enquanto o homem deve ter como principal função o papel de liderança, provedor, considerado autoridade máxima por manter o sustento da família. Sendo assim, o responsável por tomar as decisões, não podendo preformar sensibilidade, sem que sua masculinidade seja questionada.

Portanto, é indispensável que a sociedade como um todo se comprometa com a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa, realizando debates em diversos espaços, discutindo



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

possível soluções para enfrentar as dificuldades e fazendo reflexões sobre as barreiras enfrentadas no ambiente de trabalho, a fim de buscar políticas públicas que mude o cenário. Para ampliação das discussões é fundamental conscientizar e engajar instituições, empresas e indivíduos na promoção de práticas mais inclusivas e na valorização da diversidade. Embora o caminho para essa mudança seja significativo, ainda é um caminho longo e repleto de desafios, dar os primeiros passos é essencial

Referência

BOFFI, Letícia Carolina; BARBOSA, Luiza Moreira Flora; HASSE, Mariana. “Você tem que aprender a viver e isso dói”: experiências e percepções de violências vividas por homens trans. *Interface (Botucatu)*. 2024; 29 (Supl. 1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.240143> Acesso em: 15 de Agosto de 2025.

JUNIOR, Amauri Krizizanowski; ZAMPIERI, Natalia Teodorovicz; BITTENCOURT, Ramon Maia; TAGLIAMENTO, Grazielle; SILVA, Andreza Cristina da. Acesso ao mercado de trabalho formal: desigualdades de gênero entre mulheres e homens trans. *Cad. Gên. Tecnol., Curitiba*, v. 15, n. 46, p. 197, 211, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 01 de Agosto 2025.

LIMA, Lucas; O apagamento de mulheres Travestis e Transexuais no mercado de trabalho formal: Um estudo sobre a omissão estatal, a negligência dos direitos fundamentais e o abalo aos direitos trabalhistas., Lucas Lima, 24 de mar. 2025. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-apagamento-de-mulheres-travestis-e-transexuais-no-mercado-de-trabalho-formal/3274080960?msocid=19af147c44f46d95157d023e459f6ca0>. Acesso em: 01 de Agosto 2025.

MUNIZ, Maria Luísa Corrêa; NOGUEIRA, Lilian de Fátima Zanoni; ANDRANDE, Mayara Evangelista; BARBETA, Gabriel; GOIS, Ísis; ESPÍNOLA, Lilian Victoria Pérez; SILVA, Ana Cristina de Oliveira; BARROSO, Bárbara Iansã de Lima. Relações de trabalho e a construção de políticas públicas para acesso e permanência de pessoas trans no mercado de trabalho. *Saúde em Debate*, [S. l.], v. 49, n. 142, p. 158-172, abr.-jul. 2025. Disponível em: <https://saudeemdebate.org.br/sed/article/view/10507/2217>. Acesso em: 28 jul. 2025